

A FAMÍLIA COMO SISTEMA ESTRUTURANTE DO SELF

Um Estudo da Psicologia Simbólica Junguiana¹

Carlos Amadeu Botelho Byington²

Este artigo resume a dinâmica psicológica familiar sob a ótica da Psicologia Simbólica Junguiana. Ele deve ser considerado dentro da perspectiva histórica que descreve a grande transformação arquetípica entre a dominância patriarcal no Self cultural, familiar e conjugal, e sua passagem cada vez mais acentuada para a dinâmica de alteridade. Para compreender melhor essa transição, recomendo a leitura da Teoria Arquetípica da História, sumariamente descrita no capítulo 13 do meu livro **Psicologia Simbólica Junguiana** (Byington, 2008). O Self familiar expressa a roda da vida, interagindo simultaneamente de duas a cinco gerações, com a dinâmica arquetípica das relações humanas e a representação existencial do passado, do presente e do futuro.

A dinâmica arquetípica familiar tem sido abordada de várias maneiras. Adotarei, aqui, o caminho das sete etapas da vida individual, que complementa o processo de individuação descrito por Jung. A partir da dimensão individual, iremos abordando o funcionamento do Self nas dimensões conjugal, familiar e cultural. O uso das técnicas expressivas para a terapia familiar é mencionado no final.

Conceitos Básicos

Jung denominou Self ao todo consciente e inconsciente da personalidade individual e também ao principal dos arquétipos. Para evitar a ambiguidade causada por essa dupla nomeação do todo real e do potencial arquetípico virtual, continuei a chamar **o todo individual de Self** e passei a chamar **o potencial virtual de Arquétipo Central** (Byington, 2008). A denominação de Arquétipo Central para o principal dos arquétipos foi adotada por Jung em *Símbolos e Transformações* (1912) também, circunstancialmente, por Michael Fordham (1995) e, corriqueiramente, por John Perry (1974).

Ampliei o conceito de Self para abranger qualquer dimensão de totalidade além da personalidade individual. Baseado no fato de a psique operar com representações de

¹ Artigo preparado para os seminários de formação de analistas da SBPA, IX, Turma, 4º Semestre, março de 2011.

² Médico Psiquiatra. Analista Junguiano. Membro fundador da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica. Membro da Associação Internacional de Psicologia Analítica. Educador, historiador e criador da Psicologia Simbólica Junguiana. E-mail: c.byington@uol.com.br, site: www.carlosbyington.com.br

várias dimensões, postulei que o Arquétipo Central tem a capacidade de reunir essas representações em sistemas de totalidade em qualquer dimensão existencial, além da dimensão do processo de desenvolvimento individual.

Surgiram, assim, os conceitos de Self conjugal, familiar, institucional, pedagógico, terapêutico, cultural, planetário, cósmico e tantas quantas forem as dimensões tematizadas existencialmente para estudo.

Desta maneira, o conceito de Self familiar visa perceber a família como um todo sistêmico, em função da representação e da interação psicodinâmica de seus componentes. Essas partes são percebidas simbolicamente, elaboradas e coordenadas pelo Arquétipo Central para estruturar a identidade do Ego e do Outro na Consciência e na Sombra, sempre relacionadas com as polaridades subjetivo-objetivo e consciente-inconsciente, em grau maior ou menor.

Criei a Psicologia Simbólica Junguiana como uma ciência concebida para abranger toda a criatividade e patologia da psique e, para isso, centralizei-a no conceito ampliado de símbolo, que aqui inclui tanto as representações subjetivas como as objetivas. Postulei, também, que os símbolos são trabalhados por funções subjetivas e objetivas dentro do processo de elaboração simbólica para formar a identidade do Ego e do Outro na Consciência. **Surgiram, assim, os conceitos de símbolo e de função estruturantes, cujo processo de elaboração é a atividade principal do Self, coordenada pelo Arquétipo Central** (Byington, 2008).

Para exemplificar, podemos considerar um cachorro bravo como um símbolo estruturante e o medo que temos dele, uma função estruturante. A interação do símbolo do cachorro bravo com o medo forma as identidades do Ego que teme e do Outro, que é o objeto temido em nossa Consciência. Essa identidade nos permitirá tomar atitudes inteligentes sempre que nos depararmos com a situação temida de um cão ameaçador (Byington, 2008).

Quando sentimos amor ou ódio por alguém, por exemplo, vivenciamos muitos componentes subjetivos relativos ao nosso Ego, mas outros tantos que se referem às representações do Outro com todas as suas características objetivas existenciais. Desta maneira, não podemos reduzir, por exemplo, uma vivência simbólica de amor, dizendo que se trata simplesmente de uma projeção, pois a realidade existencial do Outro sempre também existe e é afetada por nossa projeção através de uma introjeção e de uma projeção, ambas recíprocas. A vivência de um símbolo inclui, inevitavelmente, a projeção e a introjeção entre o Ego e o Outro, que alternam existencialmente a identidade de ambos. É claro que a representação do Outro inclui a sua abstração e a sua concretude.

No amor platônico, por exemplo, predomina a abstração, e no amor conjugal equilibram-se, em dimensões variáveis, a abstração e a concretude, mas ambos sempre lá estarão.

Quando os símbolos e funções estruturantes sofrem fixações, como descreveu Freud, eles passam a formar defesas, aqui concebidas dentro do conceito de Sombra de Jung. Como exemplo, podemos imaginar um episódio traumático, que não pôde ser devidamente elaborado, com um cão ameaçador; a pessoa sofreu uma fixação do medo que passou a ser expresso de maneira compulsivo-repetitiva através de uma fobia a cães com componentes variáveis conscientes e inconscientes, subjetivos e objetivos.

Um conglomerado de símbolos e funções estruturantes forma um complexo, e um conjunto de complexos compõe um sistema estruturante. Complexos e sistemas estruturantes operam de maneira normal ou fixa, i.é, defensiva, ou seja, patológica.

Assim sendo, podemos considerar a família como um sistema estruturante dentro do conceito de Self familiar, e os membros e papéis familiares como símbolos e funções estruturantes que podem operar de forma normal ou defensiva. Sua elaboração é coordenada pelo Arquétipo Central e contribui intensamente para a formação da identidade do Ego e do Outro (Byington, 2008).

Por conseguinte, junto com a compreensão da formação da consciência individual e coletiva através da pujança transformadora do Self familiar, podemos também perceber suas possíveis fixações que dão origem à Sombra. Elas são as grandes disfunções que formam os principais capítulos da psicopatologia individual e coletiva. Os símbolos e funções estruturantes estão sempre em elaboração no processo de individuação dos membros da família e a qualquer momento podem influenciar a individuação dos demais membros no Self familiar, seja através da elaboração normal, seja através da Sombra.

O complexo mais importante, lado a lado dos complexos materno e paterno, é o tabu do incesto, considerado o marco fundamental da civilização (Lévi-Strauss, 1958). Sua grande função estruturante, como chamou atenção Jung, é organizar a família em função das gerações e em função da separação da libido endogâmica da libido exogâmica (Jung, 1912).

A elaboração de todos os símbolos, funções, complexos e sistemas estruturantes é coordenada pelo Arquétipo Central e pelo Quatérnio Arquetípico Regente que opera à sua volta em todas as dimensões do Self, o que inclui o Self familiar. Esse quatérnio é formado pelos arquétipos matriarcal, patriarcal, de alteridade e de totalidade que, junto com o Arquétipo Central, operacionaliza a relação Ego-Outro, formando cinco posições características. Tais **posições expressam as cinco**

inteligências arquetípicas do Self. Nenhum estado de consciência ocorre sem ser através da expressão de uma delas. Elas são a prova de que a polaridade Ego-Outro é o produto final da ação coordenadora e estruturante do Arquétipo Central.

As cinco posições arquetípicas da consciência são as cinco maneiras típicas da psique existir no mundo. Elas ocorrem em toda elaboração simbólica e, por isso, podem operar em quaisquer situações existenciais, quer sejam pontuais, quer abranjam **todas as etapas do processo de individuação**, quando se relacionam com o Self familiar. Essas cinco posições operam também na dimensão do Self cultural, cujo processo de desenvolvimento descrevi dentro de “uma **teoria arquetípica da História** (Byington, 2008). Podem ser resumidas da seguinte maneira:

A posição indiferenciada, também chamada urobórica por Erich Neumann (1949), dá início à elaboração simbólica característica do Arquétipo Central e expressa a polaridade Ego-Outro numa indiferenciação ainda tão íntima que os torna praticamente indistinguíveis.

Na posição insular, que expressa o Arquétipo Matriarcal, o Ego e o Outro e os polos das demais polaridades ocupam ilhas na Consciência. Numa ilha pode ser vivenciada a frustração, noutra, a satisfação. Numa terceira ilha, podemos ter o ódio e noutra, o amor, e assim por diante. Apesar de essas ilhas não estarem encadeadas racionalmente no pensamento lógico, podem ser associadas inconscientemente pela intuição e, assim, vivenciadas coerentemente dentro do Self.

A posição polarizada correspondente ao Arquétipo Patriarcal, relaciona o Ego e o Outro e os polos das polaridades numa relação lógica racional sempre em oposição. Essa lógica forma sistemas de grande abrangência como, por exemplo, a família, a medicina e a engenharia. Na família, ela contrapõe a criança e o adulto, o homem e a mulher, os pais e os tios, os sobrinhos e os primos, os avós e os netos, os pais e os avós, a hetero e a homossexualidade, os vivos e os mortos, e assim por diante.

Nesta perspectiva, **o Arquétipo Matriarcal não é exclusivo do feminino. Ele é o arquétipo da sensualidade, que inclui o feminino e o masculino. Da mesma forma, o Arquétipo Patriarcal não é exclusivo do masculino, pois é o arquétipo da organização e pode expressar tanto o masculino quanto o feminino.** Assim,, concebi uma **tipologia matriarcal e patriarcal** expressa pela dominância matriarcal ou patriarcal na personalidade. Ela é muito importante para a compreensão da interação dos papéis familiares, sobretudo porque os papéis tradicionais na família estão sofrendo, atualmente, uma grande transformação.

Na posição dialética, o Arquétipo da Alteridade engloba os Arquétipos da Anima e do Animus e coordena os polos das polaridades para se relacionarem num espectro que varia desde a oposição até a igualdade. Esse padrão é democrático e permite um tipo de relacionamento na família em que os polos da polaridade Ego e Outro e de todas as demais têm direitos iguais de se expressarem plenamente. Com o desenvolvimento progressivo dos direitos humanos, essa posição vem se implantando cada vez mais entre o homem e a mulher como cônjuges e, a partir da adolescência, também na relação entre pais e filhos. **Podemos mesmo aferir o grau de humanismo de uma cultura pelo grau da prática da posição de alteridade dentro das famílias** que a compõem.

A elaboração simbólica termina com o Ego e o Outro e as demais polaridades na **posição contemplativa** do Arquétipo da Totalidade. Nessa posição, o desapego é intensificado, e a oposição entre os polos vai esmaecendo até que eles caminham para se fundirem outra vez na unidade.

É comum dizermos que os pais educam os filhos e os avós os mimam. Isso se dá porque os pais, frequentemente, orientam as crianças predominantemente dentro da posição polarizada patriarcal, na qual o certo é certo e o errado é errado e acabou-se. Já na posição contemplativa da totalidade, muito exercida pelos avós, o certo e o errado vão se aproximando e se relativizando a ponto de serem igualmente tolerados.

Dentro da teoria das polaridades, distingo a predominância erótica da energia libidínica num polo em detrimento do outro que o complementa. Assim, designo o polo privilegiado com o atributo **narcisista** e o polo complementar como **ecoísta**, inspirado no mito de Eco e Narciso. O atributo **narcisista-ecoísta** pode estabelecer um desequilíbrio entre os polos das polaridades, quando favorece um polo como centro de atenção emocional, como no caso da criança, e outro como complemento, como é o caso dos pais. Geralmente, a criança narcisa e os pais ecoam ou, mais raramente, vice-versa. Tal desigualdade dá origem à onipotência ou inflação normal, frequente nas dimensões insular matriarcal e polarizada patriarcal e tende a desaparecer nas posições dialética de alteridade e contemplativa de totalidade, que se caracterizam pelo equilíbrio entre as polaridades.

Outra dualidade que influencia muito as polaridades é a polaridade **ativo-passiva**, que opera de acordo com a função estruturante do poder. Da mesma forma que a **polaridade narcisista-ecoísta (Eros)**, a ativação desigual normal da **polaridade passivo-ativa (poder)** também é comum nas posições insular matriarcal e polarizada patriarcal e diminui nas posições dialética de alteridade e contemplativa de totalidade.

As Sete Fases da Vida e a Dinâmica Arquetípica Familiar

O Self familiar apresenta todas as interações possíveis nas relações interpessoais no espaço e no tempo e, por isso, pode ser representado por uma mandala que contém todas as etapas da vida, inclusive a morte e a ressurreição. Uma das perspectivas muito frutíferas para descrever essas relações são as sete fases da vida pessoal, pois nelas todos os papéis familiares participam, em maior ou menor grau, de maneira característica.

A primeira fase da vida, ou intrauterina, constela na família o Arquétipo Central, abrangendo todas as dimensões do Self. Durante os nove meses da gestação, são ativados símbolos e funções estruturantes de grande abrangência, que afetarão toda a dinâmica familiar e a futura identidade do bebê.

Por um lado, temos o crescimento do embrião e do feto dentro do dinamismo matriarcal, acompanhado pelas fantasias dos pais sobre o futuro bebê. As transformações corporais da mãe afetarão sua personalidade e a relação conjugal de forma significativa. **A interação do pai com a gestação e com o futuro bebê tem mudado extraordinariamente com a modernidade.** Caracterizada, tradicionalmente, por um distanciamento radical durante a gestação e o puerpério, **a relação do pai com a mãe e com o bebê, coordenada pelo Arquétipo Patriarcal durante milênios, tem se transformado, no último século, com a constelação crescente do Arquétipo da Alteridade no casamento e na família.**

Se, por um lado, a implantação social do Arquétipo da Alteridade trouxe uma exacerbação do desenvolvimento dos direitos humanos e um grande enriquecimento democrático na relação entre o homem, a mulher, os jovens e as classes sociais, na segunda metade do século vinte, por outro lado, esse incremento do processo de individuação e do Self individual enfraqueceu muito a tradição de dominância patriarcal e a união no Self familiar. Desta maneira, como uma verdadeira epidemia, aumentou muito a incidência dos casos de divórcio e de desestruturação da família tradicional e o surgimento de novas famílias, que incluem filhos de pais e mães diferentes. Essa nova modalidade de casamento e de união familiar ainda é muito recente e está se organizando de várias maneiras para expressar essa transformação social. Ainda é cedo para uma avaliação sociológica da luz e da Sombra decorrentes dessa grande transformação

A primeira fase da vida é também muito influenciada pelo Self Cultural com seus valores tradicionais étnicos, sobretudo no que concerne à identidade do homem e da mulher e a seu relacionamento no casamento, junto com as características sócio-

econômicas. Tudo isso atuará na família como sistema estruturante da identidade do futuro bebê e de todos os membros do Self familiar.

A segunda fase da vida individual apresenta uma grande dominância matriarcal, que propiciará a formação do Ego da criança dentro do Quatérnio Primário, composto pelos complexos materno (todas as cuidadoras femininas), paterno (todos os cuidadores masculinos), pelo vínculo entre eles e pelas reações do bebê (Byington, 2008). Essa atmosfera sensual, sinestésica, irracional e pré-verbal, que caracteriza a formação da identidade do zero aos dois anos sob a dominância matriarcal, ocorre também sob a influência dos demais três arquétipos regentes, que expressam o quatérnio arquetípico regente, atuando de maneira variável no Self familiar.

O referencial teórico da Psicologia Simbólica Junguiana postula que, apesar de o Ego começar a operar simbolicamente de forma ativa somente a partir da terceira infância (dos dois aos 12 anos), ele já é formado passivamente pelos símbolos, principalmente na segunda infância (de zero aos 2 anos), o que nos permite perceber que **a função estruturante mais importante na formação das identidades emergentes do Ego e do Outro é a imitação**. Pelo fato de o relacionamento dessa fase ser pré-verbal, a identificação não se exerce através do que os pais dizem, mas sobre o que fazem, o que expressa profundamente como eles são, e que funcionará como a matriz da imitação na formação do Ego e do Outro. É importante também notar que, pelo fato de a criança, nesta fase, não diferenciar o pai e a mãe pela sexualidade, ela se identifica com características de um e de outro sem que, basicamente, isso afete a formação da sua identidade de gênero.

A terceira fase da vida se caracteriza pelo embate entre os Arquétipos Matriarcal e Patriarcal, ou seja, entre a sensualidade e as regras sociais, dos dois aos doze anos de idade. Tal confronto, além do Self Individual, mobilizará o Self Conjugal e o Self Familiar, e sua psicodinâmica dependerá muito da relação entre os arquétipos Matriarcal, Patriarcal e de Alteridade em cada família e em cada cultura.

O início desse conflito caracteriza a primeira crise arquetípica da vida e se dá com o amadurecimento neurológico do controle esfíncteriano uretral e anal, que marcará a identidade da criança com o começo da socialização através da **polaridade privada e pública**. Ela será acompanhada pela bipedalidade, locomoção e aquisição da fala. Todas essas funções estruturantes são da maior importância no desenvolvimento da personalidade, pois são afetadas e afetam a dinâmica conjugal e familiar.

Outro fator de central importância na formação da consciência da criança e que merece especial destaque junto à aquisição da fala é a percepção da diferença sexual entre o menino e a menina e a ativação das zonas erógenas (Freud, 1905).

Apesar de não concordar com a teoria psicanalítica sobre os Complexos de Édipo e de Castração no desenvolvimento normal, por considerá-los expressões defensivas, ou seja, patológicas, concordo que a mulher, na família de dominância patriarcal, tende a sofrer tradicionalmente um Complexo de Castração defensivo. Isso pode acontecer pelo fato de a menina não saber e não ser esclarecida por sua mãe e suas professoras sobre a natureza do seu clitóris como equivalente ao pênis. Parece-me que ainda será necessária uma grande transformação cultural e familiar até chegarmos à iniciação das meninas por suas mães e professoras, explicando-lhes a equivalência do clitóris e do pênis e os seus significados. Tal fato, aparentemente tão simples, é revolucionário quando percebido simbolicamente (Hite, 1970). Não é por acaso que não foi reconhecido nem pela medicina, em toda a sua importância, nem pela Cultura Ocidental, até meados do século XX, apesar de ter sido identificado e eleito para sofrer a cliterotomia literal em muitas culturas de grande dominância patriarcal há muitos séculos.

A importância do reconhecimento do clitóris e de sua função no organismo feminino é tão fundamental e revolucionária na relação mãe-filha e homem-mulher, porque, ao vivê-lo, a mãe tem que assumir as implicações da sua própria sexualidade diante da filha, da família e da sociedade. Esse fato incluirá, em toda a família, uma verdadeira **iniciação feminina**, exercida exclusivamente por mulheres, que cultuará o que é ser mulher anatômica, fisiológica e psicologicamente, o que implicará **na mulher se apossar conscientemente da sua função estruturante sexual** que, na menina, incluirá inicialmente a excitação e, posteriormente, a masturbação e o orgasmo. Essa iniciação é tão difícil para a mãe ainda hoje, devido ao complexo de castração patológica cultural que ela própria sofreu, em função da identificação tradicional do gozo sexual feminino com a prostituição e a devassidão sexual. Esses fantasmas desqualificaram e reprimiram o prazer da função estruturante sexual da mulher e o substituíram pela assombração da devassidão social e pela culpa.

É importante notar que a falta desse ritual de iniciação da mulher é a grande causa de as jovens, devido à conquista da liberdade na alteridade, estarem atualmente entrando na sexualidade sombriamente e de qualquer maneira. Assim, criam-se práticas homo e heterossexuais as mais variadas e até esdrúxulas, que incluem o início prematuro e intempestivo do coito, a gravidez precoce e a contração de doenças sexualmente

transmissíveis, tudo isso em meio a uma grande culpa e desorientação ao exercer a sexualidade.

O desenvolvimento da identidade do menino, nesta terceira fase da vida, também é afetado negativamente, quando a dominância patriarcal é intensa, como ocorre tradicionalmente, a ponto de se tornar defensiva e reprimir a espontaneidade da sensualidade matriarcal e, sobretudo, da função afetiva. Diferentemente da menina, a sexualidade do menino não é culturalmente castrada. Ao contrário, ela é orgulhosamente exibida, enaltecida e incentivada. O que será a castração simbólica no menino, diferentemente da menina, porém, não é o sexo, e sim sua função afetiva, acompanhada da delicadeza e da sensibilidade. Para corrigir essa distorção, também é necessária uma iniciação masculina para separar a masculinidade heterossexual da dureza e deixar de reduzir a sensibilidade e o afeto do menino à homossexualidade. Parte importante dessa iniciação masculina é a maneira como o pai se refere à mulher de um modo geral na frente do filho e de outros homens e, sobretudo, como trata a esposa e as filhas no lar.

A construção da identidade individual na família, a partir da terceira fase, complica-se, quando levamos em conta **os caminhos opostos do menino e da menina com relação à mãe. Enquanto a menina a imita, tornando-se “mãezinha” de suas bonecas, o menino dela se afasta e repudia o aconchego materno e sua afetividade com brincadeiras de lutas, atropelos e correrias.** A mensagem é clara: para ser homem, o menino deve se afastar da mãe, enquanto que a menina, para ser mulher, tem como caminho natural, imitá-la. É evidente que uma tal conduta do menino, em função da sua identidade sexual emergente, favorece uma atitude misógina imediata e muitas vezes também futura, que dificultará sua apropriação da função afetiva com seus componentes de ternura e de sensibilidade, no seu caso afugentadas pelo fantasma da homossexualidade. Ao mesmo tempo, a continuidade simbiótica da filha com a mãe deixará a filha na dependência do seu esclarecimento sexual por sua mãe, e, se este não ocorrer, a filha não poderá se apropriar da função estruturante da sexualidade, depositando-a no homem, e agirá defensivamente em função da projeção da sua sexualidade nele. Isso explica por que tantas mulheres são capazes de amar afetivamente, sem, no entanto, serem capazes de praticar a masturbação e experimentar o orgasmo e de vivê-los sem culpa.

Estas me parecem ser as duas grandes causas de distúrbios de relacionamento sexual e amoroso conjugal na relação homem-mulher de dominância patriarcal. Ambas poderão causar fixações que contribuirão para a dificuldade de amar e de se desenvolver plenamente. Ao homem, será dificultado o amadurecimento e o exercício da afetividade. À

mulher, será limitado o exercício prazeroso da sexualidade com a masturbação e o orgasmo sem culpa.

Assim sendo, a terceira fase da vida individual apresentará, dos dois aos doze anos, uma grande tensão entre a espontaneidade da expressividade sensual do Arquétipo Matriarcal e a organização do Arquétipo Patriarcal. Ambos os arquétipos regerão essa fase da socialização da criança. O matriarcal o fará através da espontaneidade e do lúdico (Winnikott, 1971) e o patriarcal, em função do desempenho das funções sociais dentro de horários, metas, permissões e proibições, permeadas de competitividade. **A dinâmica dessa confrontação dos dois titãs arquetípicos** afetará fundamentalmente o preparo da personalidade individual e será a expressão profunda de todos os papéis da dinâmica familiar e das instituições culturais. Quando predomina a repressão patriarcal, acontece **a fase de latência descrita por Freud**, que, a meu ver, é defensiva e não normal (Freud, 1905). Quando essa fase é desenvolvida normalmente, a sensualidade matriarcal é expressa pela masturbação em ambos os sexos e não existe fase de latência.

Dentro dessa perspectiva simbólica e arquetípica, é impossível deixar de perceber o Self familiar como sistema estruturante da consciência individual e coletiva e a dimensão intermediária e inseparável do Self individual e cultural. A abordagem simbólica e arquetípica do Self familiar é da maior importância para percebermos a formação e a interação da normalidade e da patologia humana. Por isso, **recomendo que a base da psicoterapia individual** de crianças, adolescentes ou adultos, bem como conjugal e grupal, junto com qualquer estudo pedagógico, antropológico ou sociológico, **seja o conhecimento do comportamento normal e patológico da família e sua relação com o desenvolvimento individual.**

A quarta fase do desenvolvimento do Self individual é a adolescência, que se estende dos doze aos vinte anos. Em muitas famílias e culturas de grande dominância patriarcal, essa fase é muito limitada por ser reprimida e os jovens praticamente não passam da infância para a vida adulta diferenciada, repetindo o que as gerações passadas fizeram. Nesses casos, deixam de polarizar com os adultos e cada geração é impedida de se diferenciar da anterior. O resultado é a limitação da formação da individualidade, que se estende por muitas gerações. Na Idade Média e mesmo até hoje em muitos países europeus, existem famílias que se orgulham de passar a profissão de pai para filho durante numerosas gerações.

A adolescência é caracterizada pelo amadurecimento das glândulas sexuais e a constelação dos Arquétipos Matriarcal e Patriarcal na posição ativa e do Arquétipo da Alteridade na posição passiva.

Ao tornar-se fértil, ou seja, capaz de formar outra família, e forte, isto é, capaz de matar, o adolescente, começa a disputar a gerência de sua vida dentro de sua própria família e simultaneamente a construir sua posição na sociedade através de um grupo de amigos, conhecido como 'a patota'. Essa mudança não se faz num dia, mas sim dentro de um longo processo, que se desenvolve aproximadamente dos 12 aos 20 anos.

Ao exercer a posição insular matriarcal de maneira ativa, o adolescente quer se tornar agente daquilo que veste e come e de eleger companhias que lhe agradam, de escolher como se divertir e namorar, enfim, de dirigir toda a sua vida sensual. Uma questão importante, que certamente surgirá no decorrer dos anos, é a reivindicação de ter vida sexual com o (a) namorado(a) dentro de casa, um símbolo cuja elaboração envolverá os valores morais de toda a família. A seu favor existe um lema geral de que **tudo o que o adolescente puder viver dentro da família será muito melhor elaborado e com menos riscos do que as experiências vividas fora de casa**. É claro que a preservação dos limites dentro da dominância patriarcal deve ser exercida com esmero. Aquilo que é crime na sociedade, como o consumo ilegal de drogas, por exemplo, também deve ser considerado ilegal na família.

Simultaneamente, ao começar a exercer o Arquétipo Patriarcal, que é o arquétipo da organização, na posição ativa, o adolescente passa a querer determinar seus próprios horários, dentro e fora de casa, bem como a desenvolver uma filosofia de vida própria, com opiniões sobre valores e posições ideológicas, geralmente revolucionárias e contestadoras das tradições. O processo de transição da expressão matriarcal e patriarcal ativas da adolescência, que tanto questionam a tradição familiar, são turbinadas pelos Arquétipos da Anima e do Animus, ativados a partir dos arquétipos parentais. Eles

constituem o Arquétipo da Alteridade e impelem a personalidade em busca do Outro para vivenciar a totalidade do seu potencial. Sua pujança é catalizada pelo Arquétipo do Herói, que reforça o Ego no enfrentamento dos desafios. Digo que o Arquétipo da Alteridade é constelado de forma passiva nessa primeira adolescência porque as vivências simbólicas acontecem por sincronicidade para o adolescente e não é ele ou ela que as busca. Isso é muito diferente da 6ª fase da vida, ou segunda adolescência, quando o adulto já sabe do que gosta e o que quer e irá buscar um Outro, de maneira ativa, seja ele uma companhia afetiva ou uma obra criativa específica.

Assim sendo, fica claro que a polarização com a família, que matiza a crise da adolescência, deve ser vista como uma revolução interna do Self Familiar e tende a centralizar-se na função estruturante do poder. Os jovens, então, emergem para começar a atualizar sua capacidade virtual de liderança correspondente ao seu próprio processo de individuação. Todo o Self Familiar é abalado com esse desafio. Valores e hábitos são questionados e passam a estar sujeitos a uma transformação evolutiva.

Do ponto de vista do Self Cultural, a crise de adolescência é um processo que polariza o Self Individual e o Familiar e, ao mesmo tempo, o Cultural. As novas ideias e desafios que fascinam a pujança criativa dos jovens, no mais das vezes, não se originam neles próprios, mas foram criados na transformação histórica em andamento no Self Cultural. Nesse sentido, a juventude opera como um campo fértil, onde é semeado o futuro. Nem poderia ser de outra maneira, quando nos damos conta do óbvio, ou seja, que aqueles que hoje são o para-raios do novo são os mesmos que amanhã estarão administrando sua implantação nas várias instituições sócio culturais.

Quanto à formação da Sombra, oriunda das fixações nessa fase do desenvolvimento, a quantidade e extensão da patologia confirmam exuberantemente o moto: **“quanto maior for a capacidade de um símbolo de criar consciência, maior será também sua capacidade de criar Sombra, quando ele sofre uma fixação.”**

As disfunções do exercício da sensualidade matriarcal na posição ativa podem produzir condutas defensivas muito graves, como é o caso do consumo abusivo de álcool e de drogas, da gravidez precoce, da sexualidade promíscua, sujeita à contaminação por DST (doenças sexualmente transmissíveis) e das transgressões criminosas impulsivas.

As disfunções do exercício da organização patriarcal ativa também podem levar a condutas defensivas graves, como o desacato à autoridade, a participação em episódios de agressividade violenta, em condutas competitivas de risco e em transgressões criminosas planejadas.

As disfunções do exercício da alteridade (Arquétipos da Anima e Animus) dizem respeito a relacionamentos passionais que tenham grandes fixações ou missões e projetos de aventura que também incluam fixações e desencadeiem regressões ameaçadoras para a integridade da personalidade.

Todos esses eventos, que marcam o desenvolvimento da adolescência, afetam grandemente o Self Familiar e o processo de individuação de todos os seus membros. De especial importância é a reação do casal parental ao adolescente e à integração das emoções que a crise do jovem desperta no seu próprio relacionamento. Tudo vai depender da sabedoria dos pais em poder perceber a pujança da juventude como continuação da vida deles e das gerações anteriores através da inveja criativa ou da insensatez de caírem prisioneiros da inveja defensiva (aquela que ataca o objeto invejado) e passarem a competir com os jovens. Mais difícil ainda é quando um dos cônjuges assume a primeira opção e o outro a segunda, desencadeando uma luta de poder no seio do casal parental.

A crise da adolescência em famílias formadas pela segunda ou terceira vez, quando o jovem ou a jovem é filho ou filha somente de um dos cônjuges, é também mais difícil, pois aqui inexiste o vínculo amoroso primário, que contrabalança as reações agressivas da polarização e o tabu de incesto que limita a sensualidade. Tal situação favorece, muitas vezes, a opção de não reunir as famílias desfeitas no mesmo lar e, ao invés disso, formar dois lares distintos para favorecer a harmonia da nova família.

Uma dificuldade de os pais aguentarem a tensão da crise de adolescência ocorre quando esses pais viveram pouco a sua própria adolescência e formaram uma Sombra invejosa defensiva significativa que é projetada nos filhos com defesas intolerantes, competitivas e repressivas.

A Família e a Quinta Fase da Individuação

Nesta fase, que se estende dos vinte aos quarenta anos, os filhos iniciam sua vida profissional, casam-se e constituem uma nova família. Aqui se consolidam as atuações arquetípicas matriarcais e patriarcais na posição ativa. O jovem casal abre-se para a sensualidade matriarcal na gestação, no aleitamento e na infância dos filhos. Ao mesmo tempo, é também envolvido pela pujança da organização patriarcal na luta para construir um novo lar e um lugar ao sol para sua nova família.

Nesta situação, o Arquétipo da Alteridade (com a Anima e o Animus) pode ser ativado para propiciar uma divisão igualitária e democrática de papéis na relação conjugal

ou reprimido para repetir a relação conjugal tradicional, na qual a mulher se dedica ao lar e o homem, à vida profissional.

A manutenção da alteridade e da interação amorosa e intelectual Anima-Animus no casamento é, sem dúvida, o grande desafio para preservar a unidade da família moderna nas sociedades em que o casal tem papéis profissionais equivalentes. Apesar de essa proposta ser ainda relativamente nova e muitos casais não conseguirem harmonizá-la e dissolverem sua união com grande frequência, há um número razoável que está começando a enfrentá-la com amor e sucesso.

Outro fator que trouxe enorme complexidade à formação de famílias diferentes da tradicional é **a admissão da homossexualidade como um fenômeno normal no desenvolvimento individual e social do homem e da mulher**. Tal inovação não só vem confrontar a imensa Sombra do Self Cultural, formada pela repressão da homossexualidade através dos séculos e milênios em diferentes sociedades, como também abriu a possibilidade para a formação de novas famílias com novos papéis e funções, que incluem até mesmo novas formas de maternidade, de paternidade e de gestação.

A argentina Cintia, 37 anos, gerente de produção e marketing da Orquestra Petrobrás Sinfônica, é uma das mães de Ilan, hoje com pouco mais de um mês. A venezuelana Carla, 37 anos, violinista do mesmo grupo e ainda do Quarteto Radamés Gnattali, também é. Juntas desde 2000, elas começaram a planejar o filho há dois anos. Em março de 2010, por inseminação artificial, o bebê foi concebido. Em novembro ele nasceu de parto normal, com Carla segurando a mão de Cintia, que o carregou na barriga. Agora vão à justiça para ter o nome das duas na certidão de nascimento da criança. (O Globo, 2011).

Semana passada mesmo, uma sentença inédita foi conseguida por duas mães em São Paulo. Cada uma havia engravidado com o óvulo da outra. Na segunda-feira, elas conseguiram na Justiça que as duas crianças fossem registradas com os sobrenomes das mães (O Globo, idem).

Junto com essa transformação do Self Individual e Familiar, está em andamento também uma transformação do Self Cultural para acolher o surgimento dessa nova família através da elaboração de leis trabalhistas de pensão, de regulamento da propriedade privada e da herança e de toda a legislação do casamento e da relação com os filhos. É evidente que tudo isso ainda está muito no começo e necessitará de algumas gerações para ser elaborado psicologicamente, sociologicamente e juridicamente. Dentro dessa transformação, é preciso perceber que um fator da maior importância em andamento é a separação da

homossexualidade normal das sequelas do homossexualismo defensivo e traumatizado, que se manifestam forçosamente nas novas famílias e necessitam ser reconhecidas e elaboradas.

Essas são apenas duas amostras dos desafios a serem enfrentados na teoria e na prática do estudo do Self Familiar.

As inovações dos papéis familiares com a criação da família homossexual suscitam um desafio da maior envergadura para o século XXI . Basta pensarmos no que já foi dito sobre a necessidade de o menino se afastar e se diferenciar da mãe para afirmar sua identidade masculina para perguntarmos como isso será feito quando ele tiver duas mães. Da mesma forma, surge a questão de como a menina manterá sua identidade feminina, que tanto necessita de imitação, quando ela tiver dois pais.

Para compreender, aceitar e elaborar essas transformações da família, o referencial arquetípico é da maior utilidade, pois um dos seus pontos centrais é a elaboração da identidade pós-patriarcal do homem e da mulher, desvinculados dos estereótipos tradicionais (Byington, 1989). Nesse sentido, a extensão dos conceitos de Arquétipo Matriarcal e Patriarcal a fim de cada um incluir os dois gêneros é de valor inestimável para se compreender o desenvolvimento das características do homem e da mulher no seu Self Individual e no seu desempenho nos diferentes papéis no Self Familiar.

A sexta fase da vida, que se estende dos 40 aos 60 anos, caracteriza-se pela maturidade. No seu decorrer, diminui a assertividade dos Arquétipos Matriarcal e Patriarcal na posição ativa, e tem lugar a ativação do Arquétipo da Alteridade na posição ativa e do Arquétipo da Totalidade na posição passiva.

Com o desempenho da parentalidade e da atividade profissional na vida adulta, os papéis conjugais e parentais amadurecem e começam sua caminhada para a aposentadoria. Os filhos crescem, atravessam a tempestade da adolescência, saem de casa e buscam formar sua própria família. Os pais, aos poucos, vão ficando sozinhos e para trás, até mesmo na sua força física. Assim, a maturidade é o apogeu da forma e da produtividade social do casal parental, mas, ao mesmo tempo, o anúncio do seu declínio, alardeado pela possibilidade de serem avós, num dia não muito distante.

Apesar de os pais ajudarem economicamente seus filhos, sobretudo aqueles que encompridaram a adolescência e se casaram e tiveram filhos tardiamente, a pujança do exercício matriarcal e patriarcal diminui muito no Self Familiar, em comparação com a energia despendida no passado. Essa sobra energética é agora empregada pelo Arquétipo Central para ativar a Anima e o Animus com o Arquétipo da Alteridade, o que

caracteriza a segunda adolescência. Diferentemente da primeira, esta constelação da alteridade é agora ativa, pois a pessoa sabe muito mais sobre o perfil da sua eleição afetiva e da sua vocação profissional. Trata-se de uma fase importante na relação conjugal porque o casal, se ainda não se separou, precisa aprofundar o romantismo de seu relacionamento sob pena de ter que administrar relações triangulares. O perigo da reativação da Anima e do Animus nessa fase é eles trazerem junto fixações da Sombra, sobretudo aquelas formadas na primeira adolescência. Essa atuação sombria é grotescamente ilustrada pelo cinquentão com blusão de couro negro, cabelo pintado e a moto nova, e pela senhora desquitada e plastificada, namorando em barzinhos para combater a depressão.

O empreendimento profissional criativo pode também cair vítima da Anima e do Animus que expressam o novo junto com a Sombra. É comum vermos, nesses casos, o fundo de garantia, amealhado pelo árduo trabalho de uma vida, ser investido num negócio novo, recheado de sonhos e de fantasias, mas muito pouco conhecido na prática, cujos resultados não raramente são a falência, com a perda total da poupança familiar.

Simultaneamente, começa a constelação passiva do Arquétipo da Totalidade, que mesmo sem ser lembrado, insinua-se através de fantasias que anunciam o fim. Pelo fato de essa lembrança e elaboração não ser feita pela luz, ela frequentemente se realiza pela Sombra através da constatação de um nódulo suspeito na mamografia ou de um PSA crescendo no check-up da próstata.

A Sétima Fase da Vida e a Família

A sétima fase da vida, que se estende dos 60 ao fim da vida, caracteriza-se pela continuação do enfraquecimento dos dinamismos arquetípicos parentais. O Arquétipo da Alteridade com a Anima e o Animus pode, aqui, se ativar num canto romântico de cisne, ou então arrefecer e deslocar-se para o campo espiritual. Nesse caso, ele pode engajar-se com o Arquétipo da Totalidade, que, de forma cada vez mais frequente e intensa, traz a problemática da morte. Frequentemente, as reuniões familiares são festejadas e dominadas pelo falatório dos adultos e a correria das crianças, enquanto que os avós vão ficando cada vez mais silenciosos. Às vezes é porque não conseguem acompanhar os assuntos por deficiência auditiva ou limitação do pensamento, fruto do início da demência senil, mas frequentemente, também, pela concentração quase obsessiva no tema da morte.

O Arquétipo da Vida e da Morte está presente o tempo todo no Self Familiar e é ativado nos grandes eventos de transformação que permeiam o longo caminho (Byington,

1996/2002). O início de cada nova fase arquetípica de um membro da família, ou o seu fim, assinala a presença abrangente desse arquétipo. Junto com o símbolo da inexorabilidade da morte, está a problemática da ressurreição que, mesmo sem ter sido eleita como tema central de qualquer reunião, permeia a vida espiritual da família com algum credo religioso, que engloba os rituais de batismo e também os de morte, enterro e celebração de datas póstumas.

No entanto, é nesta última fase da vida individual que elegemos o tema da morte para elaboração direta. Aqueles que vão mais adiante e penetram em vivências da vida após a morte, exercem uma filosofia de vida na família que enriquece sua vida espiritual.

As Técnicas Expressivas na Terapia Familiar e na sua Supervisão

Na elaboração dos símbolos da terapia familiar, podemos usar todas as técnicas que empregamos na terapia individual e de casal, mas dou especial importância à técnica das Marionetes do Self. Esta última é semelhante à técnica da Caixa de Areia desenvolvida por Dora Kalff, mas dela difere em quatro partes importantes.

1 - As Marionetes do Self não necessitam de uma caixa de areia e devem ser montadas sobre um oleado que normalmente pode ficar embaixo de um tapete. Suas medidas são aproximadamente 1,70m X 1,15m. **2** - As figuras da família devem ser colocadas de pé sobre o oleado. Caso não possam ficar em pé, por terem os pés finos, deve-se mandar confeccionar pequenos cubos de madeira com dois orifícios cada um para os pés dos bonecos. **3** - Cada figura da família pode receber, à sua volta, um ou mais símbolos que a caracterize. **4** - Numa das extremidades ficará um boneco cercado de símbolos pertinentes à figura do analista.

No final da sessão, pode-se fotografar as marionetes e enviar a foto por computador para a família.

As técnicas expressivas podem ser usadas na supervisão da terapia familiar, sendo que, neste caso, as Marionetes do Self têm especial valor didático.

Conclusão

O Self familiar é um grande transformador social energético humano, cujo potencial se expressa entre o processo de individuação do Self Individual e a pujança da criatividade coletiva do Self Cultural.

Toda essa ação estruturante, por um lado, amplia a Consciência e o desenvolvimento individual e social, mas por outro, atua suas fixações na Sombra, a serviço da disfunção existencial, que configura inúmeros aspectos da patologia, da destrutividade e do Mal.

As transformações da história repercutem sempre na família e afetam os papéis familiares e os processos individuais que, por sua vez, modificam a realidade cultural através de sistemas de múltiplo retorno.

O aumento da implantação do Arquétipo da Alteridade na civilização está modificando intensamente a estrutura e o funcionamento da família. A liberalidade para a busca do processo de individuação vem propiciando um grande aumento de separações conjugais e a organização de um novo modelo de família com a reunião de filhos de pais diferentes. Esse mesmo arquétipo, propiciando o desenvolvimento dos direitos humanos, abriu o caminho para o surgimento da família homossexual, com inúmeras diferenças da família heterossexual tradicional.

Abstract

Byington, Carlos Amadeu Botelho. The Family as Structuring System of the Self. *Junguiana. Journal of the Brazilian Society of Analytical Psychology*. São Paulo, 2011.

This article summarizes family psychological dynamics within the historical perspective, which describes the great archetypal transformation from the patriarchal dominance to the dominance of the alterity archetype. To understand better this transition I recommend the reading of the archetypal theory of history described in chapter XIII of my book *Jungian Symbolic Psychology* (Byington 2008).

The psychodynamics of the family Self has been studied from very different perspectives. This study is based on the seven phases of the individual Self which complements Jung's theory of the individuation process. From the development of the individual Self, we go on to study the dimensions of the marriage, family and cultural Selves.

The utility of expressive techniques in family therapy and in its supervision is described in the end, with special emphasis laid on the Marionetes of the Self.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Byington, Carlos Amadeu Botelho (1986). A identidade pós-patriarcal do homem e da mulher e a estruturação quaternária do padrão de alteridade da consciência pelos arquétipos da Anima e do Animus. *Junguiana, Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica*. São Paulo, 1986, nº 4, pp. 5-69.

_____ (1992). *Marionetes do Self*. Trabalho baseado no Workshop sobre as Técnicas Expressivas das "Marionetes do Self", apresentado no XII Congresso Internacional de Psicologia Analítica, Chicago, 1992. Revisado em 2001.

_____ (1996/2002). O Arquétipo da Vida e da Morte. *Junguiana - Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica*. São Paulo, n. 14, pp. 92- 115,1993. Revisado em 2001.

_____ (2008). *Psicologia Simbólica Junguiana. A viagem de humanização do cosmos em busca da iluminação*. São Paulo: Ed. Linear B.

Fordham, Michael (1944) - *Children as Individuals* - Ed. Hodder and Stroughton, London, 1969.

_____ (1995), "Freud, Jung, Klein - The Fenceless Field". London: Routledge, 1995.

Freud, Sigmund (1905). *Três Ensaios sobre a Sexualidade*. Obras Completas, vol. 7. Rio de Janeiro: Imago, 1972.

Hite, Shere (1970). *O Relatório HITE - Um Profundo Estudo sobre a Sexualidade Feminina*. Rio de Janeiro: Editora Difel, 1981.

Jung, Carl Gustav (1912) - *Symbols of Transformation* – CW: 5 Bollingen Foundation, New York, 4th Ed., 1952.

Jornal O Globo, Ano 7, nº 337, 09 de Janeiro de 2011.

Idem

Lévi-Strauss, Claude (1958). *Antropologia Estrutural*, Pág. 393. Biblioteca Tempo Universitário, Vol 7. Rio De Janeiro: Edições Tempo Brasileiro, 1975.

Neumann, Erich (1949). *História e Origem da Consciência*. São Paulo: Ed. Cultrix, 1995.

Perry, John Weir (1974) - *The Far Side of Madness* - Ed. Prentice Hal Inc, New Jersey, 1974.

Winnikott, Donald W. (1971). *Playing and Reality*. London: Penguin Books Ltd., 1974.

Psicologia Simbólica Junguiana

ESTRUTURA E DINÂMICA DO SELF INDIVIDUAL, FAMILIAR E CULTURAL

Processo de Elaboração Simbólica



